

Quando analisamos o conjunto de imagens da artista Lucimar Bello publicadas no jornal *Correio* no período de 1993 a 2002, percebemos que a artista é retratada em meio à execução de atividades artísticas e educativas. Destes fatos concluímos que a imagem pública de Lucimar Bello é publicada no jornal *Correio* de maneira coerente, apontando para a imagem de uma artista atuante em seu meio profissional tanto no campo da exposição e divulgação de seus trabalhos como no campo da educação da arte.

Já na primeira imagem [Figura 80] percebemos a artista trajando uma de suas obras com postura pouco formal e aparentando estar em movimento e não posando para o fotógrafo. Seu rosto está voltado para o lado direito do observador fazendo com que a câmera consiga captá-lo apenas parcialmente e seus olhos não estão voltados para a lente da câmera. Seu corpo está em uma posição aparentemente transitória, transmitindo a impressão de fazer parte de um movimento que foi interrompido na imagem. Vemos aqui a imagem da artista construída de maneira a caracterizá-la como um alguém sempre em atividade, que não se detém nem ao ser retratado.

Apenas em duas fotografias [Figura 82 e 87] deste conjunto de imagens a artista se encontra claramente “posando” frontalmente para a câmera fotográfica, em todas as outras imagens a artista encontra-se aparentemente alheia ao fato de estar sendo retratada, com sua atenção voltada para o fazer artístico e educativo. Percebemos que nestes momentos em que era fotografada a artista se preocupava em exercer outras ações como a de atuar como arte educadora - como vemos na imagem [86] onde a artista se encontra em pose aparentemente descontraída, sentada no chão juntamente com seus alunos.

Os retratos pouco dizem sobre o aspecto pessoal de Lucimar Bello, sua expressão transmite um ar de inquietação, preocupação, como quem está absorta em pensamentos. A imagem sugere uma profissional comprometida, séria e atenta à ação que ela está realizando. Assim, nas imagens em que a artista está conscientemente posando o que se percebe é a intenção de produzir uma imagem séria, de envolvimento com o trabalho, seja ele enquanto performance ou como arte educadora.

A análise do conjunto das imagens de artistas visuais apresentadas destaca a maneira como os retratos podem compor uma determinada representação característica destes profissionais.

Em seguida, retomo a questão dos padrões e estereótipos de representação dos artistas, por meio de seus retratos no jornal, procurando identificar quais seriam as bases de referencia deste tipo de imagem.

3.4 Algumas considerações sobre modelos de retratos de artistas visuais e fotografias do jornal correio.

Este capítulo apresenta uma tentativa de ensaio que procura analisar a forma como alguns retratos de artistas consagrados, sejam eles feitos por artistas ou foto-jornalistas, incorporam determinadas noções e concepções características sobre os artistas. Procurando analisar similitudes e ponto em comum entre algumas destas representações como forma de questionar quais modelos estariam presentes nos retratos de artistas do Jornal Correio de Uberlândia, e de que maneira tais modelos criam imagens no imaginário social neste contexto.

Ao mesmo tempo a proposta deste capítulo é destacar a forma como os retratos massificados e aparentemente banais dos periódicos menores locais se alimentam e dialogam com modelos consagrados pelos cânones da arte e da fotografia documental.

Entre um retrato de artistas divulgado na revista *Times*, um apresentado no Jornal *The Guardian* ou outro na *Folha de São Paulo* existe uma grande diferença, pois são veículos diferentes, com propostas e possibilidades de realização bem diferentes. Logo, a distância entre o retrato de artistas nestes veículos e os jornais de circulação local, como o Correio, é ainda maior, sobretudo em termos de elaboração, originalidade, liberdade criativa e mesmo de legitimação, pois quase sempre os fotógrafos dos primeiros exemplos são consagrados profissionais da história da fotografia.

Contudo, a proposta é suspeitar desta distinção pelo fato de que muitas destas imagens fazem parte de um conjunto de representações que habitam o imaginário social e o repertório visual da grande maioria dos fotógrafos, inclusive os do jornal Correio.

Além disso, existem certas noções sobre o artista que, construídas historicamente ou por meio uma raiz mitológica, são amplamente utilizados pela mídia. É assim que muitas vezes é possível estabelecer paralelos entre imagens de contextos aparentemente tão distintos.

Desta forma, seria pertinente vasculhar estas imagens procurando identificar a existência de determinados modelos de representação dos artistas. Assim como é possível encontrar biografias e relatos tão comuns sobre a vida dos artistas, independente da cultura, também seria possível reconhecer interesses e interpretações visuais comuns na realização de imagens deles: reconhecer que por traz da imagem existe uma construção cultural.

Um exemplo deste tipo de comparação pode ser visto na imagem a seguir, onde é colocado lado a lado um famoso retrato do pintor Jackson Pollock e uma fotografia do pintor Vladimir Machado no jornal Correio.

Sabemos que a figura pública de Jackson Pollock marcou profundamente uma determinada ideia de artista. Na imagem abaixo podemos ver materializadas algumas destas concepções. Na imagem, Pollock aparece despojado, com calça jeans e jaqueta de couro, os braços e pernas cruzados, apoiado na parede com olhar desafiador, soturno, viril quase um *bad boy*. Toda esta imagem irá compor a ideia do romantismo envolvido nesta concepção, destacando como Pollock era performático inclusive no momento de posar para uma fotografia.

Assim, o artista incorpora o tipo rebelde encontrando grande aceitação por parte do público e passando a habitar o imaginário comum de forma irremediável. Este fato se deve em grande medida aos fotógrafos e aos veículos que criam e ajudam divulgar tal imagem.

Ao percorrer as páginas do jornal Correio nos deparamos com casos no mínimo curiosos como, por exemplo, um retrato do pintor Vladimir Machado [Figura 47], que na imagem posa ao lado de um de seus trabalhos. Um olhar descuidado poderia sugerir uma pequena coincidência. Mas será que realmente tal representação se dá por um jogo do acaso? Ou será que tais modelos visuais de representação dos artistas já estão tão incorporados a ponto de serem naturalizados tanto pelos artistas quanto pelos meios de disseminação da arte?

A posição dos braços e pernas cruzados, a cabeça inclinada, o olhar inquiridor. O quadro ao fundo, visivelmente uma pintura abstrata, posicionada ao fundo da mesma forma que a imagem de Pollock.

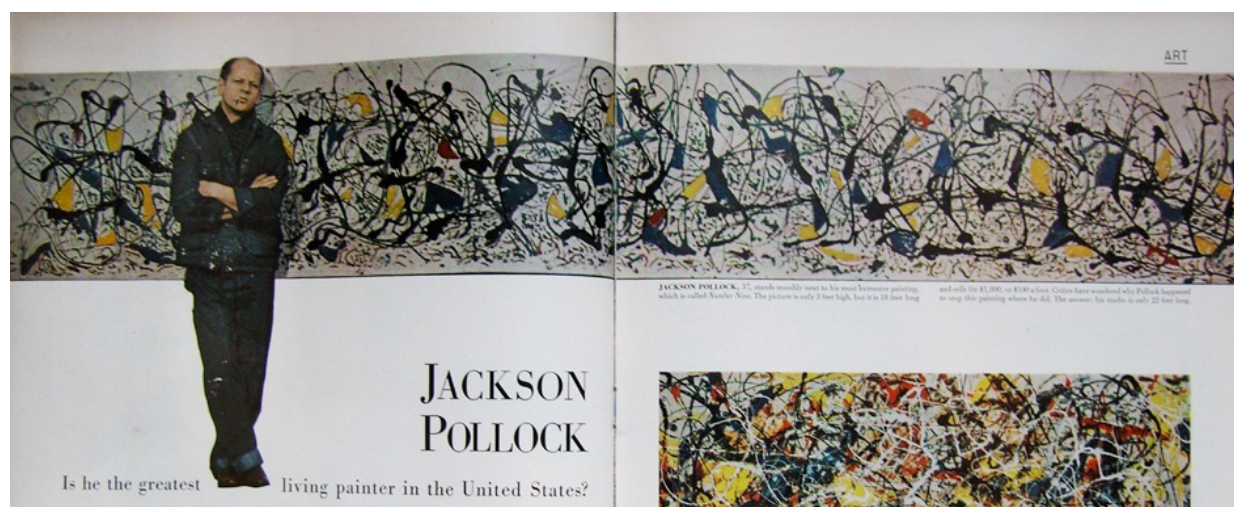


Figura 88 – Jackson Pollock estampando matéria da revista Life Magazine. Fotografia: Arnold Newman. 1949.



Figura 89 – Vladimir Machado “Um Artista redescobre Pompéia em pinturas”.
Fotografia: (Imagem de arquivo) Jornal Correio.

A partir deste exemplo seria possível enumerar outros casos ou modelos de representação que são visíveis na mídia impressa? Estes modelos também poderiam ser vistos no jornal Correio? De que forma?

Para analisar estas hipóteses podemos, inicialmente, trazer à tona os retratos mais característicos de artistas estereotipados. O primeiro deles estaria na gênese da fotografia e o já citado fotógrafo Eugene Disdéri.

Ao correr os olhos pelo jornal Correio, percebemos como esta simplificação, esta solução simplista de representação, rápida, mas em certo sentido eficiente, está presente como um modelo. Nele, o fotógrafo só escolhe a melhor luz, dispõe o retratado em frente a sua obra e pede que este fale, explique seu trabalho, enquanto a máquina fotográfica faz o resto, como destacado pela maioria dos artistas entrevistados.³¹

31 Para verificar, consultar entrevistas no apêndice do trabalho.

3.4.1 O artista e seu pet

Duas imagens do jornal Correio de Uberlândia encontradas durante a pesquisa chamaram a atenção. A primeira, já apresentada nesta pesquisa, é um retrato do pintor Assis Guimarães sentado em uma lambreta na companhia de um cachorro. Trago novamente esta imagem abaixo [Figura].



Figura 90 – Assis Guimarães. “O artista plástico Assis Guimarães e seu fiel companheiro Zig”. Fotografia: Autoria desconhecida. (Imagem de arquivo) Jornal Correio.

A outra é um retrato da pintora Darli de Oliveira [Figura 60] que poderia passar despercebido como mais um retrato comum de artista simulando seu trabalho, não fosse um detalhe que destoa, que punge o observador, o *punctum* como destaca-

ria Barthes (1980:32): a presença de um pequeno e inconveniente gato, vagando no cenário da caótica imagem.

A legenda da imagem sugere uma ponte entre o novo e o primitivo, visualmente este título ressoa na imagem da obra como a novidade e o pequeno animal como o primitivo. Na fotografia, é possível perceber um gato franzino interrompendo o processo de trabalho, ou sua encenação. Indiferente à situação, o animal é o único que não posa para a imagem, não se preocupa em simular seu papel, mas inevitavelmente faz parte da cena.



Figura 91 – Darli de Oliveira. “Darli faz ponte entre o novo e o primitivo”. Fotógrafo: Dorival Dias.

A participação destes dois animais, ou *pets*, confere aos retratos uma leitura sem dúvida muito mais amigável, terna ou mesmo divertida. Invariavelmente, estas qualidades acabam sendo atribuídas também aos artistas que passam a gozar de uma imagem mais afável, simpática, pois a imagem dos animais domésticos traz esta leitura e a publicidade sabe bem disso.

Será que artistas e animais retratados juntos seria um tipo de representação comum na arte? No gênero do retrato tal imagem é facilmente encontrada, desde a representação de aristocratas a burgueses, do retrato de familiar ao oficial e mais recentemente no retrato de celebridades³². Neste sentido, os artistas não seriam diferentes, pois muitos da vanguarda do século XX eram também celebridades. Uma pesquisa em bancos de imagens imediatamente nos apresenta um bom panorama de exemplos dos quais destacamos alguns a seguir.

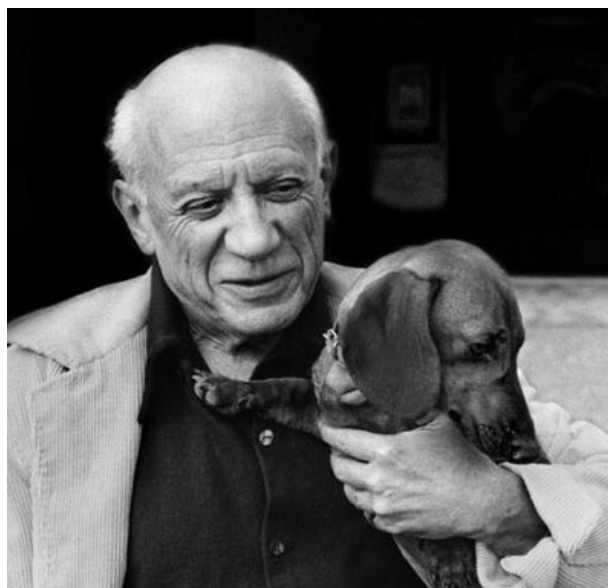


Figura 92 - Pablo Picasso. Fotografia: David Douglas Duncan. 1957.



Figura 93 – Andy Warhol e seu cão. Fotografia: Jack Mitchell. 1973.

32 O termo celebridade geralmente é atribuído ao indivíduo muito conhecido por determinada prática cultural ou artística, em determinados momentos da história era atribuído especialmente para atores de cinema, artistas, escritores, personalidade da tevê e até fotógrafos. Hoje, em virtude da grande popularidade da televisão, a fama seria o fator decisivo para destacar uma celebridade desde que esta tenha uma grande presença na mídia, de maneira que até um criminoso pode ser descrito como celebridade.



Figura 94 - Salvador Dalí. Fotografia: Roger Higgins, 1968.

Na primeira imagem temos o retrato de Picasso com seu famoso cão Lump³³, que figura em dezenas de imagens na companhia de seu dono e que colabora para a construção de uma imagem afetuosa do artista. O segundo caso [Figura 62], é peculiar, já que falamos de Andy Warhol, uma figura que deve ser vista com atenção, pois este artista sabia como ninguém os alcances e a importância da imagem na construção de uma imagem social e pública. Assim, em se tratando de Andy Warhol, nada vem por acaso.

O terceiro caso é também evidente, pois, como já destacado anteriormente, ha-

33 Na cultura contemporânea não é raro que mesmo um cão torne-se uma celebridade.

via uma tentativa constante de alinhar a imagem de Salvador Dalí à ideia do mundo selvagem em virtude da figura pública criada pelo artista.

A imagem nos dois primeiros exemplos [Figura 61 e 62], podem ter um sentido mais óbvio, conferindo certo lirismo aos modelos, destacando sua natureza afável e sensível. Uma das possibilidades deste tipo de retrato é destacar um relacionamento afetivo entre os homens e seus *pets*, que, em alguns casos, acabam verdadeiramente assumindo o lugar de amigos, membros da família.

Pablo Picasso chegou mesmo a realizar imagens dedicadas a seu cão Lump como podemos observar na porcelana utilizada como comedouro pelo animal, na figura a seguir (Figura 64):



Figura 95 – O cão Lump pintado em um prato por Picasso.

O pequeno cão tinha um lugar tão peculiar na vida e em diversas fotografias do artista que acabou ganhando também um livro com fotografias de David Douglas Duncan: *Lump: o cão que comeu um Picasso*³⁴.

34 DUNCAN, David Douglas. *Lump the Dog Who ate a Picasso*. Southport, MSY: Thames and Hudson, 2006.

Nas imagens de Duncan, observamos o pintor alimentando e brincando com o cão ao mesmo tempo em que observamos a intimidade do artista.



Figura 96 - Pablo Picasso e seu cão Lump com um coelho de papelão. 1957. Fotografia: David Duncan.



Figura 97 - O mundo privado de Picasso: Picasso e Lump tomando café. 1957. Fotografia: David Duncan.

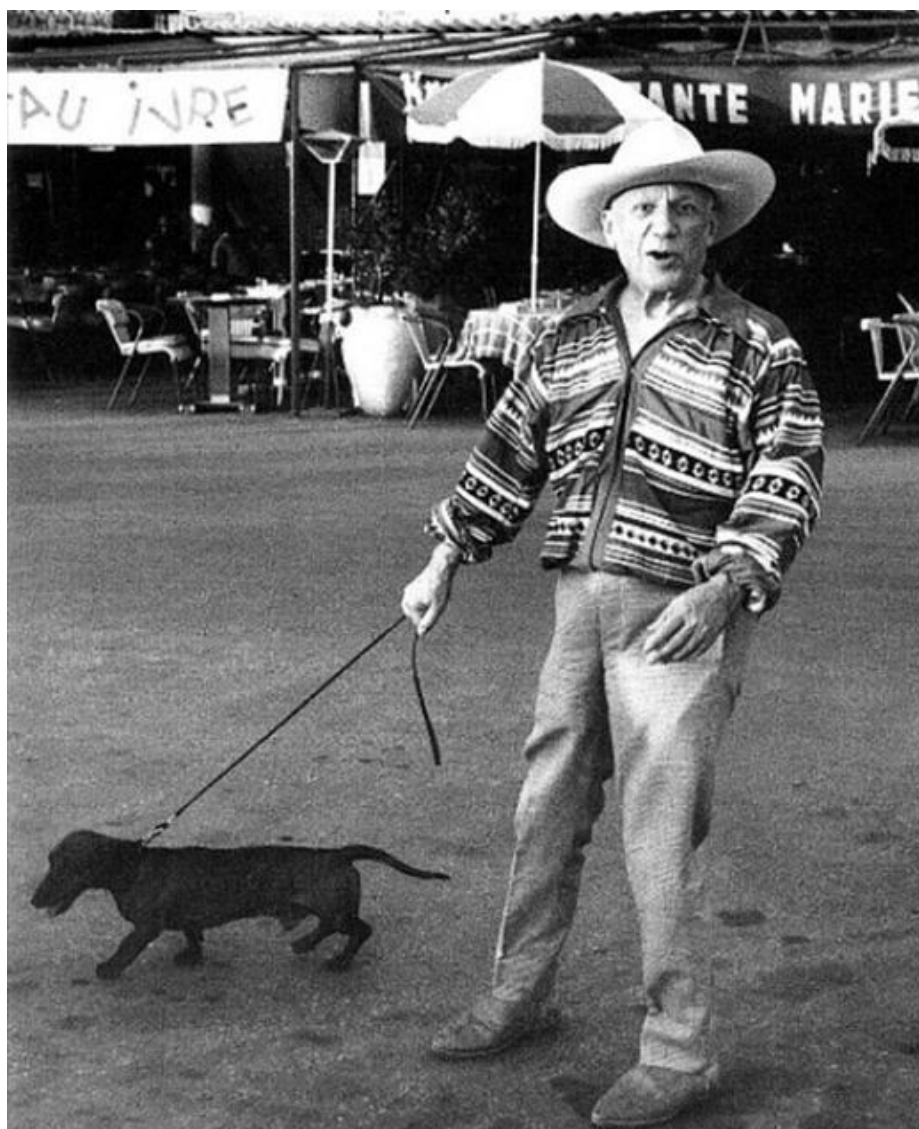


Figura 98 - Picasso e Lump passeando. 1957. Fotografia: David Duncan.

A presença do cão nas imagens e retratos do pintor reforça a ideia do artista como homem sensível, amante dos animais o que cria muita empatia com o público.

Andy Warhol foi outro artista constantemente fotografado na presença de seus cães também da raça *dachshund*. Uma das possibilidades seria que as colunas sociais dos jornais e revistas recorriam a estas imagens na intenção de reforçar o estereótipo do artista como celebridade. Fotógrafos especializados no retrato de celebridades como o norte americano Jack Mitchel³⁵ foi um dos que mais atuou neste sentido.

³⁵ Conhecido fotógrafo de artistas e celebridades que trabalhou em importantes revistas americanas, como *Rolling Stone*, *New York Times Magazine*, *People*, *Newsweek*, *Vogue*, *Elle* entre outras.

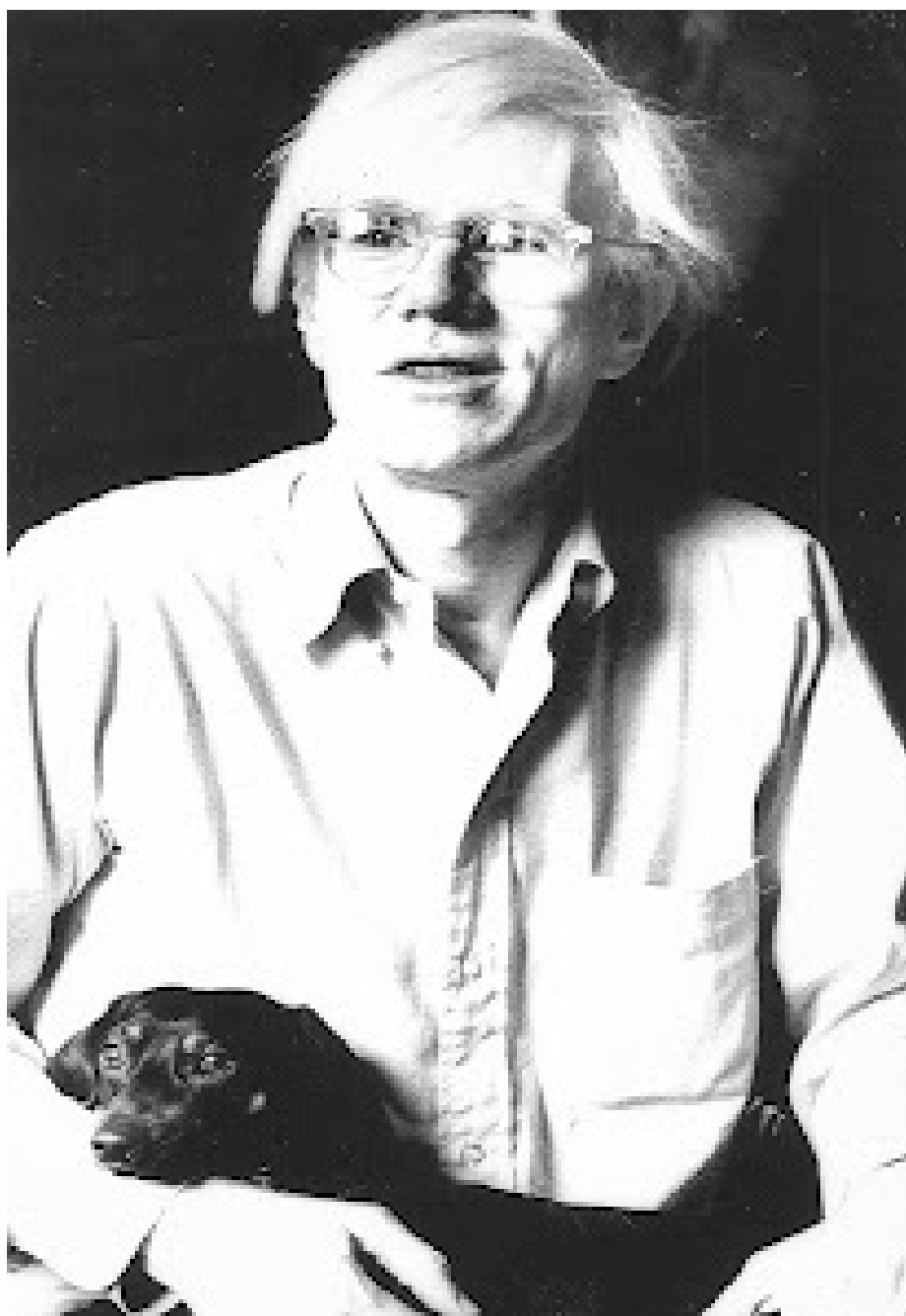


Figura 99 - Andy Warhol e seu dachshund Archie. Fotografia: autor desconhecido.
Data desconhecida.

Outro exemplo deste tipo de representação pode ser visto nos retratos de David Hockney, outro artista que aparece em várias imagens na companhia de seus cães. Tais imagens aparentemente tentam, na mesma medida, sanar a curiosidade do público pelos animais que serviram de modelo para os trabalhos do artista sem deixar de destacar os aspectos afetivos do artista.



Figura 100 - David Hockney e seus dachshunds. Fotografia: Autor desconhecido.

Em outro retrato bem recente, a artista Lynda Benglis aparece com seu cão dachshund fotografada por Bryan Derbala³⁶. Este retrato parece dialogar de forma bem próxima aos retratos de Warhol devido ao tipo de imagem de artistas que tentam construir e ao tipo de mídia em que se apresentam.

Estes retratos também colaboram para a construção da imagem dos artistas, pois inevitavelmente ao conhecer o mundo íntimo de seus animais nos pegamos perguntando: como vivem estas pessoas? São casados? Tem filhos? Por que tanta dedicação aos animais?

36 Fotógrafo americano muito conhecido por trabalhos no campo da moda e da mídia como fotógrafos de personalidades. Criador do *Lovebryan* - um photoblog que compartilha os trabalhos pessoais de um grupo de amigos que tem se destacado, como fotojornalistas, cineastas, ou aclamados fotógrafos de arte.

São questões pertinentes à cultura e ao modo de vida contemporâneo, mas que sem dúvida, constroem uma imagem bem característica no imaginário das pessoas. A imagem do artista com seu pet adquire nestes exemplos uma característica mais doméstica, intimista e lírica, que confere amabilidade e simpatia ao artista.

Também o pet, é muitas vezes interpretado como um substituto da família. Não é raro notar que pessoas que vivem sozinhas “adotam” cachorros como companheiros.



Figura101 - Lynda Benglis com seu dachshund fotografada por Bryan Derballa. 2011.

Considerações Finais

A dissertação de mestrado *Artistas visuais nos retratos fotográficos: Da tradição aos retratos de artistas no Jornal Correio de Uberlândia* chega ao fim. Entretanto tal pesquisa não se encerra aqui, pois muitas possibilidades investigativas foram abertas e diversas questões relevantes ainda pedem uma investigação mais apurada.

Ao analisar as representações dos artistas visuais e a importância de seus retratos para a construção de uma imagem social no imaginário local pudemos construir uma análise inicial, que pode guiar outros estudos futuros.

Primeiramente, é importante ressaltar que a representação dos artistas é um fator fundamental para entender as concepções sobre estes profissionais em qualquer época. Da mesma forma que os textos críticos, documentais e historiográficos informam e caracterizam os artistas em diferentes contextos culturais, as imagens realizadas pelos próprios artistas ou pelos fotógrafos designados para representá-los também contribuem para a criação, manutenção ou crítica da imagem dos artistas no imaginário social.

Percebemos também como a imagem do artista se sustenta sobre determinados elementos que o colocam em um lugar de distinção perante outros indivíduos, incorporando, em grande medida, uma concepção quase mítica destes profissionais em diálogo com a ideia dele como um herói ou portador de poderes divinatórios.

Com relação à análise mais específica sobre a imagem do artista na mídia impressa local, foi possível perceber o emprego de determinados modelos que caracterizam certos padrões consagrados de representação destes profissionais. Algumas destas concepções, como averiguadas, remetem inclusive a certos ideais aparentemente anacrônicos sobre a profissão.

No caso do Jornal Correio, existem alguns elementos que se repetem constantemente na representação destes artistas. Considerando a função das imagens no interior do jornal como mediadora da comunicação entre o texto escrito e o leitor, a padronização de certas fórmulas de retrato, tidas como objetivas e diretas acabam pasteurizando a imagem do artista, limitando as concepções sobre seu trabalho e papel social.

Se o Jornal Correio tem o mérito de ser um dos únicos espaços da região a divulgar e apresentar a cultura e a produção artística local, sendo inclusive o maior arquivo de imagens de artistas da cidade, perde muitas oportunidades de inovar na abordagem do tema.

Com relação aos artistas, percebemos que estes também não se preocupam muito com estas questões, entendendo a sua representação como “natural”. Não assu-

mem que seus retratos também são criados e produzem significados. Para a grande maioria, é só a produção artística que importa. Sua própria imagem é coisa acessória, posar para retratos é mera formalidade do campo da arte. Porém, a maioria guarda a imagem da primeira vez que foi retratado pelo jornal. Ao ver sua própria imagem, estampada na capa do periódico parece haver a confirmação de que finalmente seu trabalho está sendo reconhecido.

Neste ponto, os artistas podem começar a voltar para seu retrato impresso no jornal e questionar se de fato aquela imagem o representa enquanto artista ou simplesmente pode validar e perpetuar certos “modelos” disseminados. Alguns fotografados e fotógrafos aceitam as formalidades, mas poucos se propõem a pensá-las, subvertê-las.

Mesmo com o alcance limitado de tais imagens, aparentemente condenadas à banalidade, definitivamente considerá-las irrelevantes é um erro. Vale lembrar que nas páginas amarelas dos jornais antigos estão materializadas as concepções sobre artes e artistas negociadas entre diferentes membros de uma comunidade cultural e artística. E estes retratos, como já foram destacados, muitas vezes serão os únicos registros de um dado momento histórico, cultural e artístico da cidade de Uberlândia.

Fotógrafos, jornalistas, pesquisadores, professores e os próprios artistas não devem ignorar tais imagens. Os retratos, as representações visuais dos artistas, assim como os discursos sobre esta profissão, devem ser discutidas, debatidos e analisados como forma de compreender a complexidade da cultura contemporânea. Cultura esta cada vez mais desenvolvida pelo visual, pela imagem, por retratos.

Revedo o processo de pesquisa sobre os retratos de artistas é importante destacar algumas dificuldades de estudar um tema ainda pouco debatido, tendo em vista a complexidade e importância das questões que expõe. A escolha por uma abordagem multidisciplinar da fotografia se deu em grande parte pelas próprias características do objeto de estudo, pois a fotografia é um caminho de tramas, cruzamentos e de possibilidades metodológicas infinitas de análise. Como estudante de artes visuais e fotógrafo, talvez meu maior desafio tenha sido abandonar a prática, o fazer e me confrontar com teorias e campos de conhecimento até então distantes para mim.

Para a defesa desta dissertação, houve, inicialmente, um grande dispêndio de esforço e longo tempo de pesquisa para identificar e apresentar as possibilidades e a pertinência do estudo dos retratos de artistas visuais. Este levantamento inicial se justificou, primeiramente, pela própria ausência de pesquisas do tema no campo da arte, o que justifica também, a necessidade de um estudo multidisciplinar do retrato fotográfico. Tal levantamento geral se mostrou muito amplo para que fosse discuti-

do nesta dissertação, mas, serviu para indicar outras possibilidades de pesquisa sobre os retratos de artistas.

Talvez, a contribuição desta pesquisa seja apresentar novas questões que podem se desdobrar em pesquisas futuras. Por exemplo, nas reflexões sobre a construção de uma imagem social dos artistas no contexto local, não se considerou o ponto de vista do leitor do veículo. Ou seja, haveria uma grande possibilidade de estudar os retratos de artistas em termos de recepção analisando que tipo de leitura o público do jornal faz destes indivíduos.

Além disso, o levantamento geral sobre os retratos de artistas apresentou um grande número de fotógrafos brasileiros e estrangeiros que poderiam servir para um estudo mais específico, que pensasse a produção destes profissionais em seus contextos culturais. Neste caso, sobretudo os fotógrafos especializados em retratar artistas e celebridades, pois ainda são raras as análises que destacam a importância do trabalho destes fotógrafos na cultura ocidental.

Por fim, uma possibilidade igualmente promissora sobre a análise das imagens de artistas é verificar os processos de resistência de fotógrafos ou artistas na criação de uma imagem ao empregar determinados códigos de representação como forma de se alinharem as concepções vigentes ou de subverterem sua lógica. Perspectiva apontada nos estudos sobre os autorretratos de artistas mulheres ou dos pintores negros e mulatos brasileiros, bem como na produção de fotógrafos também atuantes fora dos grandes centros e veículos de comunicação.

REFERÊNCIAS GERAIS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa - 1970-2000**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ABREU, Simone Rocha de. **Autorretrato: inventando a si mesmo**. Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas [Recurso eletrônico] / Sheila Cabo Geraldo, Luiz Cláudio da Costa (organizadores). - Rio de Janeiro: ANPAP, 2011. ISSN 2175-8212: (versão eletrônica).

ABREU, Simone Rocha de. **Frida Kahlo e Ismael Nery: aproximações e divergências**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, PROLAM/USP, São Paulo, 2008.

AMAR, Pierre-Jean. **História da Fotografia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

AMARAL, Luis. **Técnica de Jornal e Periódico**. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiros, 1978.

_____. **Jornalismo: matéria de primeira pagina**. Rio de Janeiro: Tempos brasileiros, 1978.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BAITZ, Rafael. **Um continente em foco**: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras. São Paulo: Humanitas, 2003.

BARTHES, Roland . **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70. 1989.

BARTHES, Roland. *“Le message photographique”*. *Communications*, nº 1. 1961.

BARTHES, Roland. *«Rétorique de l'image”*. *Communications*, nº 4, 40-51. 1964.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de Consumo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

BAYNES, Ken. **Scoop, Scandal and Stife**: A Study of Photography in Newspapers. London: Lund. 1971.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGER, John. **Modos de ver**. São Paulo: Rocco, 1999.

BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2007.

BURKE, Peter. **Do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

_____. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CAMARGO, Mário de (org.). **Gráfica: arte e indústria no Brasil no Brasil** - 180 anos de História. São Paulo: Bandeirantes, 2003.

CANCLINI, N. G. **A socialização da Arte** – teoria e prática na América Latina. São Paulo: Cultrix, 1980.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.

CHARRAUDEAU, Patrick & MANGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **A cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHIARELLI, Tadeu. **Arte Internacional Brasileira**. São Paulo: Lemos Editora, 1999.

CIAVATTA, Maria e ALVES, Nilda. (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Memória e Projeto: Fotografia**. In: Caderno de Textos. Conferência Estadual de Educação Pública do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, [s.d.], p.31-33

_____. **O mundo do trabalho em imagens**. A fotografia como fonte histórica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DE CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOMINGOS, José. **Em Cruz Alta, CROKIART foi sucesso!** Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG, 31 out. 1979. p.7.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.

DURAND J. C. **Arte, Privilégio e Distinção**. São Paulo: Perspectivas, 1989.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 2000.

FABRIS, Annateresa. **A imagem técnica: do fotográfico ao virtual**. In: FABRIS, Annateresa e KERN, Maria Lúcia Bastos (orgs). *Imagem e Conhecimento*. São Paulo: EDUSP, 2006.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia: usos e funções do século XIX**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FARTHING, Stephen (editor geral). **501 grandes artistas**. Trad. Marcelo Mendes e Paulo Polzonoff. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

FARTHING, Stephen. **501 Grandes Artistas**. São Paulo: Sextante, 2010.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: G.Gilli, 2006.

GUARANY, Ana. **Artistas desbravam mundos de Magritte**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 18 nov. 1993. Caderno Revista. p.13.

_____. **Daniela e Hélio mostram arte sem nome**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 13 set. 1994. Caderno Revista. p. 14.

_____. **Darli faz ponte entre o novo e o primitivo**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 22 set. 1994. Caderno Revista. p. 19.

_____. **Manhãs desenhantes mostra força do traço**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 21 ago. 1994. Caderno Revista. p. 17.

_____. **Pintar é a religião de Assis**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 7 abr. 1994. Caderno Revista. p. 17.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

HISTÓRIA GERAL DA ARTE. **Pintura**. Madrid: Ediciones del Prado, 1995. 6 v.

JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/sobre-o-correio/>. Acesso em: 09 Jul. 2010.

JORNAL CORREIO. **Arte**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 3 set. 1993. Social. p. 14.

_____. **Arte**. Uberlândia-MG, 20 set. 1993. Caderno de Variedades. p. 7.

_____. **Assis expõe hoje**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 6 abr. 1994. p. 16.

_____. **Assis mostra em pinturas caminhos para Araguari**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 7 ago. 1994. p. 22.

_____. **Hélio Siqueira expõe peças de cerâmica em Uberaba**. Jornal Correio do Triângulo. Uberlândia-MG, 23 nov. 1994. p.18.

_____. **Lucimar Bello mostra “arte usável” na Casa das Ideias**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 15 jan. 1993. P.7.

_____. **Na era do plástico, a Cerâmica leva Uberlândia a ser destaque da FUNARTE em Brasília**. Jornal Correio de Uberlândia. Uberlândia – MG, 24 jun. 1979. p. 7.

_____. **O olhar enigmático de Assis Guimarães**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 3 jan. 2002. Caderno Revista. p.D2.

_____. **Olha a arte, fresquinha a preço de ocasião**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 14 dez. 1993. Caderno Revista. p. 13.

_____. **Pintura desenterra uma nova Pompéia**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 13 set. 1994. Caderno Revista. p. 15.

_____. **Variedades**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 13 nov. 1994.p.20.

KAMOGAWA, Bruno. **Cor laranja inspira as obras do artista Alexandre França**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 20 de set. 2002. p. 7.

KRAUSS, Rosalind. **O Fotográfico**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

KRIS, Ernest e KURZ, Otto. **Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista: Uma experiência histórica**. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

LICHTENSTEIN, Jacqueline. **A pintura – Vol. 1: O mito da pintura**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MALRAUX, André. **As vozes do silêncio**. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista**: imprensa e praticas culturais em tempos de república. São Paulo: Edusp, 2001.

MAUAD, Ana Maria. **Entre retratos e paisagens: modos de ver e representar no Brasil oitocentista**. In: Neide Marcondes e Manuel Bellotto. (org). **Turbulência cultural em cenário de transição: O século XIX ibero-americano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

_____. **Visões plurais em um único olhar. A experiência fotográfica de Marcel Gautherot, 1940-1960**. (Resenha) In: Anais do Museu Paulista. v. 16. n.2. jul.- dez. 2008.

MENDONÇA, Valéria. BRAVO. **Lourenço Mutarelli**. Bravo! São Paulo, n. 164, p. 10, abr. 2011.

MICELI, Sergio. **Imagens Negociadas**: retratos da elite brasileira (1920-40). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MICHALS, Duane. **A visit with Magritte**. Londres: Steidl, 1981.

MIRA, Maria Celésté. **O leitor e a banca de revista: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olha da Agua, 2001.

MITCHELL, W.J. T. **Picture Theory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Que és la cultura visual**. Princenton: Irving Lavin, Institute for Advanced Study, 1995. Disponível em: <http://www.ub.es/boletin>. Acesso em: jun.2003.

NAVES, Janaína. **Imagens e palavras nas peças de Alexandre França**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 11 jun. 2002. Caderno Revista. p. 15.

PAMPLONA, Gleides. **Catarse de Lucimar joga desenho no chão**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 24 mar. 1993. Caderno Revista. p.15.

PROTZMAN, Ferdinand. **“The Photographer’s Snap Judgment; When Hans Namuth Encountered the Superstars of Contemporary Art at Work, Something Clicked”**. The Washington Post: p. G06. Disponível em: <http://business.highbeam.com/5554/article-1P2-597588/photographer-snap-judgment-hans-namuth-encountered>.

RICADRO, Maurício. **Belo Horizonte confere a parceria de Hélio e Daniela**. Jornal Correio. Uberlândia-MG, 10 jun. 1993. Social. p. 13.

SACCÁ, Lucilla. **Corpo como experiência**. In: Revista do Memorial da América Latina. Disponível em: <http://memorial.org.br/revistaNossaAmerica/23/port/26-Corpo_como_experiencia.htm>. Acesso em: 09 dez. 2012.

SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo : Hucitec, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SHINER, Larry. **La invención del arte**: una historia cultural. Barcelona: Paidós, 2004.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista**: Pintoras e escultoras Acadêmicas Brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Paulo:FAPESP, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 1966.

Apêndice

Apêndice 1 – Entrevista com o artista Aender Ferreira

Artista: Aender Ferreira

Data da entrevista:

Edição em que foi Retrato: 6/07/2011

Reportagem: Núbia Mota

Quando você foi fotografado pelo jornal Correio o fotógrafo deu alguma orientação de como você deveria se portar nas fotos?

R) Sim, ele procurou um lugar com a luz adequada e deu sugestões de como posar, na minha individual na galeria do João¹

Você se lembra de quais eram estas orientações?

R) Não, infelizmente. Faz tempo, mas foi “sussa”. Me deixou bem a vontade, foi mais procurando o lugar que favorecesse a questão da luz que te falei.

Você se sentiu confortável ao ser retratado?

R) Sim.

Quando a imagem foi publicada você se sentiu representado enquanto artista na imagem?

R) sim, gostei do resultado.

Ser retratado por um jornal cidade foi um fato significativo para você? O que representou em sua vida/carreira?

R) Foi sim, principalmente por ser minha primeira expo individual. Um registro bastante especial tanto que guardo com carinho um exemplar do Correio. Se você pudesse fazer seu próprio retrato para se representar como artista seria parecido com a imagem publicada? O que teria de comum e o que teria de diferente?

Se você pudesse fazer seu próprio retrato para se representar como artista seria parecido com a imagem publicada? O que teria de comum e o que teria de diferente?

R) Não gosto de ser fotografado, se fosse pra fazer meu próprio retrato talvez fizesse um desenho me representado. Mas não fiz a recusa ao jornal, e deixei q o próprio fotógrafo me guiasse foi bom porque ele me deixou a vontade e foi bem rápido.

Obrigado pela entrevista Aender.

R) Imagina.

1 João Virmondes professor no departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia além de Coordenador do Núcleo de Apoio a Projetos da Comunidade da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia e proprietário da galeria de artes Virmondes - Rua Melo Viana, 74, Uberlândia, BR.

Apêndice 2 – Entrevista com Camila Lacerda

Artista: Camila Lacerda

Data da entrevista: 22/01/2013

Edição em que foi Retrato: 11/06/2012

Reportagem: Núbia Mota

Quando você foi fotografada pelo jornal Correio o fotógrafo deu alguma orientação de como você deveria se portar nas fotos?

R) Sim, ele sugeriu as poses, mas também pediu minha opinião.

Você se lembra de quais eram estas orientações?

R) Hum... Ele procurava um diálogo com as obras, tipo... uma foi sentada no chão com as obras na parede e os fios indo até a minha frente (risos) difícil descrever em palavras. Mas não me lembro de nada específico. Ele se preocupava bem em mostrar alguma parte do trabalho, fossem as caixinhas, ou os textos da parede, e eu na frente.

Você se sentiu confortável ao ser retratado?

R) Não fiquei incomodada. Mas também tímida como sou não fiquei “super” à vontade.

Quando a imagem foi publicada você se sentiu representado enquanto artista na imagem?

R) Como assim?

Você sentiu que a imagem publicada te representou como artista? Agradou-te ser representada daquela forma?

R) Acho que sim.

Ser retratado por um jornal cidade foi um fato significativo para você? O que representou em sua vida/carreira?

R) Não pensei muito sobre isso, acho que sim.

Você guarda a edição do jornal que publicou sua imagem? Com quais propósitos?

R) Minha mãe guardou. (risos) Todo o artigo e o retrato por recordação.

Se você pudesse fazer seu próprio retrato para se representar como artista seria parecido com a imagem publicada? O que teria de comum e o que teria de diferente?

R) Nossa! Que difícil (risos). Acho que não me importo tanto com a minha imagem retratada quanto com a divulgação do trabalho ou mostrar a obra. Não tenho muita opinião quanto a minha imagem (risos). Sobre o que é a pesquisa mesmo?

Os retratos de artistas visuais divulgados no jornal Correio.

R) Sei.

Obrigado pela entrevista Camila.

R) De nada.

Apêndice 3 – Entrevista com Beatrice Bonami Rosa

Artista: Beatrice Bonami Rosa

Data da entrevista:

Edição em que foi Retrato: 2/12/2012

Reportagem: Da Redação

Quando você foi fotografada pelo jornal Correio o fotógrafo deu alguma orientação de como você deveria se portar nas fotos?

R) Deu! Varias! Ele pedia o melhor angulo do artista, com um angulo dos trabalhos também.

Você se lembra de quais eram estas orientações?

R) Deu sugestões de pose! Primeiro ele perguntou como eu queria né, ai fiz aquela que saiu na primeira pagina. Depois ele falou, fica de lado, de frente, olhando pros trabalhos, olhando para o horizonte. Quis tirar uma no chão, com os tecidos, eu pegando os tecidos, ao lado deles. Falou que era bom, esconder as pernas, colocá-las dobradas. Essas coisas.

Quando a imagem foi publicada você se sentiu representado enquanto artista na imagem?

R) Sim, acho que sim. Foi um bom angulo, e colocou meus trabalhos em segundo plano. Então foi bem bacana. Única coisa que eu achei ruim, foi que eles ressaltaram demais, que eu morei na França etc. Tipo, tinha outras coisas que eles poderiam focar na reportagem. Só isso que eu achei ruim mesmo.

Ser retratado por um jornal cidade foi um fato significativo para você? O que representou em sua vida/carreira?

R) Foi um marco na minha carreira, porque nunca tinha sido fotografada pelo fruto do meu trabalho. E ver minha foto foi como concretizar, tudo o que trabalhei para conseguir aquilo. E acredito que ajude, nos meus processos de seleção posteriormente, porque nossa área pede muita visibilidade, então é um fator a se considerar.

Você guarda a edição do jornal que publicou sua imagem? Com quais propósitos?

R) Guardo, todos os jornais que saíram, eu guardei. Para recordação mesmo, e por exemplo, estou prestando mestrado, e posso mandar a reportagem, como um documento da minha exposição individual.

Se você pudesse fazer seu próprio retrato para se representar como artista seria parecido com a imagem publicada? O que teria de comum e o que teria de diferente?

R) Bom você fala com a fotografia? Ah, acho que ele (fotógrafo) retratou bem. Bem segura e satisfeita com meu trabalho. Queria que tivesse retratado um pouco mais, o quanto eu admiro a arte e a minha produção. Meu amor pelo que eu faço. Acho que foi o que faltou.

Legal. Acho que é isso. Obrigado Beatrice.

R) De nada.

Apêndice 4 – Entrevista com Rosane Borges

Artista: Rosane Borges

Data da entrevista:

Edição em que foi Retrato:

reportagem: Da redação

Quando você foi fotografada pelo jornal Correio o fotógrafo deu alguma orientação de como você deveria se portar nas fotos?

R) Não. Aconteciam (os cliques) ser eu perceber de onde vinham. Espera! Você esta falando da matéria de ontem?

Não, da fotografia da sua individual.

R) Ah, sim. Pois esta foi um desastre! Parece até que ele teve a ideia de espezinhar. Ele dizia: Vai falando, vai falando...

Pedi que falasse enquanto ia fotografando você?

Exatamente. Ai não deu outra: só bocas abertas, caras de espanto. No início pensei até em procurar o jornal, mas depois já tinha sido mesmo.

Tiveram outras orientações?

R) Nunca fui orientada em nenhuma foto durante exposições. Vão clicando, clicando, milhões de vezes. Penso que depois nem olham, pegam as que surgem de cara. Não escolhem. Tenho certeza e como exemplo nada melhor do que verificar as minhas fotos deste último trabalho lá no Virmondes. Lastimáveis eu e o tra-

balho artístico nada bem focalizado.

Quando a imagem foi publicada você se sentiu representado enquanto artista na imagem?

R) Claro que não! Não me enxerguei ali! Os colegas nem se manifestaram de tanta dó. (Risos).

Ser retratado por um jornal cidade foi um fato significativo para você? O que representou em sua vida/carreira?

R) Não quero parecer superior, mas sinceramente fiquei eufórica nas primeiras vezes, depois mais vale como documento. Mas claro, existe sim aí certo afago no ego do artista.

Você guarda a edição do jornal que publicou sua imagem? Com quais propósitos?

Guardo sim. Feias ou bonitas. Guardo-as como documentário de um tempo artístico. Inclusive me servem num currículo onde exigem foto como documento do evento.

Se você pudesse fazer seu próprio retrato para se representar como artista seria parecido com a imagem publicada? O que teria de comum e o que teria de diferente?

R) Faria uma foto de preferência ao lado de uma criação artística minha, numa postura discreta.

Complementando: Uma foto em que eu, não olhasse frontalmente para a câmera.

Obrigado, Rosane.

R) De nada.

Apêndice 5 – Entrevista com Priscila Rampin

Artista: Priscila Rampin

Data da entrevista.

Edição em que foi Retratado:

Reportagem: Da redação

Quando você foi fotografada pelo jornal Correio o fotógrafo deu alguma orientação de como você deveria se portar nas fotos?

R) Sim, mas apenas orientações básicas.

2) Você se lembra quais?

R) Qual posição eu deveria ficar, inclinação do corpo a pose, na verdade.

3) Que poses ele sugeriu?

R) posição do corpo, de perfil, inclinação do rosto, onde colocar as mãos. Poses prontas.

4) Você se sentiu confortável nestas poses?

R) Não achei não! Não foi tão ruim, mas não foi algo natural.

5) Ser retratado por um jornal cidade foi um fato significativo para você? O que representou em sua vida/carreira?

Nada. Pessoalmente acho que não fez diferença alguma. Talvez para motivar visitantes à galeria sim, mas não tivemos como avaliar esse retorno. Ninguém comentou que viu a reportagem, fora nossos colegas de faculdade.

Você guarda a edição do jornal que publicou sua imagem? Com quais propósitos?

R) Guardei a página do jornal. Olha, nem sei porque guardei. Principalmente porque com a internet, isso seria facilmente resgatado por mim. Talvez ainda um resquício do que fazíamos com diários, ou fotos impressas, algo como uma manutenção da memória do evento! Boa pergunta essa!

Ultima pergunta. Se você pudesse fazer seu próprio retrato para se representar como artista seria parecido com a imagem publicada? O que teria de comum e o que teria de diferente?

R) Vixe! (risos). Pensando agora sobre isso. A primeira coisa que vem na minha cabeça é que eu não teria escolhido aquela foto que foi publicada. Eu vi, por e-mail, todas as que ele tirou e teria escolhido outra. A segunda coisa que penso é se seria importante mesmo uma foto minha?. Terceiro ponto, acho que as fotos tomadas ao acaso ficam bem mais naturais, por isso talvez seja mais fácil identificar nossas identidades mais nessas, do que nas posadas. Eu tenho um pouco de vergonha de “aparecer”, sabe! Acho que é vergonha mesmo. Uma foto de costas seria melhor! Uma que a identidade não estivesse ali.

6) Obrigado Priscila foi muito revelador.